Facetas literárias

Florentina Souza (*)

Durante mais de quatro séculos, os africanos deportados para várias partes do mundo empreenderam, desde os navios, esforços individuais e coletivos com intuito de preservar e reconfigurar contos, cânticos e performances, saberes, entre outras bagagens, que, junto com os corpos e almas, atravessaram o Atlântico. As artes e as religiões tiveram papel importante neste processo, consciente e às vezes não, de seleção do que lembrar e como lembrar.

Na história da literatura brasileira, encontram-se esparsos registros de atuação de afrodescendentes que, com seus textos, trazem à cena questões relativas à sua inserção enquanto afrodescendente na vida política e cultural do país ? Luís Gama, Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa, Lima Barreto estão entre os mais citados.

Eles não escreveram com o intuito de participar de uma ?literatura afro-brasileira?, expressão que talvez não coubesse naquele contexto, entretanto, hoje, podem ser lidos como precursores de uma linhagem de produção literária que, dialogando com uma tradição político-reivindicatória e/ou com as tradições culturais de origem africana, elabora para o grupo marcos de uma comunidade étnica imaginada, que relê aspectos das culturas e tradições que foram trazidas para a diáspora e insurge-se contra o racismo e a discriminação racial.

A partir da segunda metade do século XX, autores como Jaime Sodré, Geni Guimarães, Luis da Silva Cuti, Conceição Evaristo, José Carlos Limeira, Edmilson Pereira, Jônatas Conceição, Adão Ventura, Ele Semog, Lande Onawale, Esmeralda Ribeiro, entre outros e outras, compõem um amplo e diversificado universo da literatura afro-brasileira.

Não podemos atribuir a uma produção literária que resulta de experiências vivenciais diferenciadas nenhum traço de homogeneidade. Se existem aqueles escritores que vêem na literatura afro-brasileira um espaço para a denúncia das desigualdades sociais e suas vinculações étnicas, ou uma arma de combate contra o racismo e a exclusão, existem outros que vêem no texto literário também a oportunidade para recriar cantos religiosos, dos cânticos míticos e tradições e histórias que se reconfiguraram na diáspora e que hoje resistem nos textos inscritos nas memórias.

Outros investem ainda no resgate da história do negro no Brasil: selecionam e organizam os fatos históricos, os heróis esquecidos e querem apontar a participação ativa dos negros e afrodescendentes na construção da comunidade imaginada Brasil.

Desta forma, constitui-se uma rede criativa de escritores e escritoras autodenominados afro-brasileiros que produzem uma literatura que fala de amores, da história e vivências de grupo étnico, jogando com doce e útil, o riso e a raiva, a alegria e a dor, a memória e o presente, passado e futuro, como fazem todas as expressões artísticas.

---

* **FLORENTINA SOUZA** é professora adjunta de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O texto publicado acima foi reproduzido no Caderno Especial ?Saudações, África?, Jornal A TARDE, Salvador, Julho de 2006.